

# CONHECIMENTO DOS ESPAÇOS DE DIREITOS DOS ADOLESCENTES EM MARINGÁ/PR: UMA PROPOSTA A PARTIR DE UMA AÇÃO FORMATIVA SOBRE O ECA

*Data de aceite: 03/04/2023*

**Natasha Satico Miamoto**

<http://lattes.cnpq.br/86444404570561123>

**João Marchi**

<http://lattes.cnpq.br/8789418073727414>

**Eliane Rose Maio**

<http://lattes.cnpq.br/9562371036022440>

**Eliana Aparecida Ferreira**

<http://lattes.cnpq.br/9742582743599291>

**RESUMO:** Esta produção advém de um trabalho avaliativo proposto em uma das disciplinas ministradas para o Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Maringá. Nesta oportunidade, foram efetuadas leituras, reflexões e também foi realizada a elaboração, realização e avaliação da atividade prática denominada de Cura Rua, aplicada com dois adolescentes: Antônio e Antonella (nomes fictícios), ambos de 12 anos, na cidade de Maringá, Estado do Paraná. A atividade prática foi feita com o objetivo de desenvolver uma trajetória de formação política para compreender conceitos dos direitos de crianças e adolescentes, nos espaços públicos e

também sobre as responsabilidades do Educador Social no acompanhamento/orientação aos jovens. A fundamentação teórica da atividade pauta-se nos capítulos II e IV do Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, que tratam da informação, cultura, lazer, esportes, diversões e espetáculos. O diálogo formativo e a visita/estudos dos espaços foram momentos de experiências e conhecimentos, tanto para o educador quanto para os educandos. Os resultados obtidos apontam para uma constituição plural e significativa dos saberes políticos que constitui o direito das crianças e adolescentes a partir de encontros e diálogos, como também para a compreensão da atuação do Educador Social na sociedade. Destaca-se sobre a realização de fotos e descrições sobre as visitas em um diário de bordo que demonstram que os adolescentes têm a capacidade de estar se apropriando da Lei como sujeitos de direitos e deveres e sendo autores/protagonistas de novos conhecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Direitos e deveres. Educador social. Formação política. Criança e adolescente.

**ABSTRACT:** This production comes from an evaluative work proposed in one of the

disciplines taught for the Master's and Doctorate Program in Education at the State University of Maringá. On this occasion, readings and reflections were carried out, as well as the preparation, implementation and evaluation of the practical activity called *Cura Rua*, applied with two teenagers: Antônio and Antonella (fictitious names), both 12 years old, in the city of Maringá, State of Paraná. The practical activity was carried out with the objective of developing a trajectory of political formation to understand concepts of the rights of children and adolescents, in public spaces and also about the responsibilities of the Social Educator in accompanying/guiding young people. The theoretical basis of the activity is based on chapters II and IV of the 1990 Statute for Children and Adolescents, which deal with information, culture, leisure, sports, entertainment and shows. The formative dialogue and the visit/study of the spaces were moments of experience and knowledge, both for the educator and for the students. The results obtained point to a plural and significant constitution of the political knowledge that constitutes the right of children and adolescents from meetings and dialogues, as well as to the understanding of the role of the Social Educator in society. It stands out about the realization of photos and descriptions about the visits in a logbook that demonstrate that the adolescents have the capacity to be appropriating the Law as subjects of rights and duties and being authors/protagonists of new knowledge.

**KEYWORDS:** Education. Rights and duties. Social educator. Political training. Child and teenager.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na disciplina realizada pelo programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da cidade de Maringá-PR, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), foram problematizadas diversas realidades de crianças e adolescentes, além de textos que auxiliaram para a compreensão do papel dos Educadores Sociais (MARCHI, 2021; NATALI, 2016; MÜLLER e RODRIGUES, 2002), tornando a experiência e o conhecimento como uma ferramenta potente para uma análise do tema proposto. Tais aspectos possibilitaram uma melhor compreensão da atuação do Educador Social e como sua prática pode contribuir para uma ação efetiva com crianças e adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL,1990), pode ser visto como um documento necessário e indispensável para pensar e definir a imagem dos adolescentes como sujeitos de direitos e deveres, além de apontar e assegurar a sua proteção. As proposições do ECA (BRASIL,1990) possibilitam que os Educadores Sociais exerçam, dentre outras funções, uma política de atenção para cumprimento da Lei.

Segundo o ECA, o período da adolescência se dá a partir dos doze anos e vai até os dezoito anos de idade. Entretanto, para além de uma perspectiva etária, compreendemos e valorizamos as culturas de pares (CORSARO, 2011) como o modo pelo qual melhor podemos compreender do contexto destes sujeitos. Ana Maria Frota (2007) corrobora com tal perspectiva ao apontar que a adolescência é resultado de uma constituição histórica e tem suas características específicas conforme cada período da história vivenciada de forma singular pelos sujeitos. A autora menciona que essa fase é composta por diversas

mudanças, físicas, biológicas, psicológicas, cognitivas e sociais, podendo ser considerada uma fase de passagem para a vida adulta.

Por sua vez, esse desenvolvimento plural e acelerado traz consigo, crises, descobertas e desafios. Sendo recorrente que a fase da adolescência seja cercada por adjetivos comuns como sendo a fase da crise, rebeldia, tédio, atrevimento entre outras características. Nesse sentido, Mary del Priore (2012), menciona que as circunstâncias pessoais dos adolescentes trazem possibilidades diversas, tendo aqueles que estudam, brincam, trabalham e são amados e os que acabam se envolvendo com drogas, roubam ou são abusados. Não buscamos com isso evidenciar estigmas ou trazer um olhar de dualidade, pois compreendemos que os/as adolescentes para além de produtores de cultura dependem de outras referências para ampliar seus saberes e práticas e, neste sentido é que apontamos a Educação social como um dos caminhos possíveis visto que, numa prática de caráter educativo é na interação com o mundo adulto que crianças e adolescentes “(re)situam-se no mundo e contribuem para a mudança social e cultural (TOMÁS, 2007, p. 15).

É diante deste contexto de pluralidade de “ser” e da multiplicidade de representações acerca da adolescência (FROTA, 2007) é que se visualiza justamente a realidade em que as crianças e adolescentes não são reconhecidas e não têm, muitas vezes, os seus direitos respeitados. Diante desse fato, na prática realizada para esta investigação, foi elaborado um projeto que se denominou “Cura Rua”, com o objetivo de convidar os adolescentes para conhecer o espaço público de Maringá-PR e estimular a cidadania e a participação nos espaços de direitos. O projeto contou com a participação de dois adolescentes que se interessaram pela proposta e que possibilitaram a construção dos dados considerados neste trabalho. O nome do projeto partiu de um mural visitado e apreciado pela pesquisadora e inspirou o projeto de participação nos espaços públicos, como maneira de conhecer/reconhecer, um lugar de direito e acesso de todos/as.



Foto 1: Mural com a arte estampada e a pesquisadora em frente à pintura.

Fonte: Registro realizado pela adolescente Yasmin– Local Vila Olímpica em Maringá, PR, 2020.

## 2 | PERCORRENDO AS RUAS DE MARINGÁ-PR

Paula Natali (2016) menciona que a Educação Social busca potencializar os sujeitos para acessar as diversas construções culturais de sua época, além de possibilitar a instrumentalização e formação política dos sujeitos para buscar combater injustiças, desigualdades e situações de exclusão. O profissional desta área, em nosso recorte, é aquele que luta para que os direitos dos adolescentes não sejam violados e, em contrapartida, para que sejam garantidos os direitos previstos no ECA.

Entendemos por direitos violados os adolescentes vítimas de violência, exclusão, abandono, trabalho forçado, erotização, bem como a privação de quaisquer outros direitos previstos em Lei. Em nosso entendimento, vemos que tais violações não se restringem a um único ambiente e, visto isso, é que Natali (2016) também nos orienta ao apontar que os/as educadores/as sociais podem atuar em diversos espaços como hospitais, presídios, centros esportivos, escolas, ruas, projetos movimentos sociais e, no referido ao conteúdo, a autora explicita que o foco principal é a formação política e o princípio educativo das práticas realizadas, as quais podem ser igualmente múltiplas, compostas por atividades atividades artísticas, esportistas, profissionalizantes entre outras.

Outra definição pertinente para a Educação Social, em nosso entendimento, é a propositiva em que é pontuado a importância de atuarmos na realidade concreta dos sujeitos e no tempo presente e, “para que a intervenção seja efetiva, primeiro é necessário que os sujeitos sejam ouvidos e que possam expor suas demandas, desejos, medos e sonhos” (MARCHI, 2021). Tal escuta se dá numa relação de afeto e respeito ao outro (MÜLLER e RODRIGUES, 2002) e a partir de uma abordagem qualificada para “acolher os educandos e saber motivá-los a buscar e elaborar novos projetos para suas vidas, saber acessar a rede de atendimento educacional, social e das manifestações culturais disponíveis na realidade em que atua” (NATALI, 2016, p.168).

Posto isso, seguimos doravante para a explanação acerca de alguns aspectos metodológicos do projeto cura rua que buscamos efetivar nesta proposta investigativa.

Os adolescentes participantes do “Cura Rua” foram Antônio e Antonella (nomes fictícios), ambos com 12 anos de idade. Os responsáveis autorizaram a participação dos adolescentes. A intervenção ocorreu nos dias 27,28 e 29 do mês Junho do ano 2020. O participante Antônio é um adolescente que passava apenas os finais de semana com a mãe em Maringá, logo não tinha muito conhecimento e contato com os espaços públicos da cidade; e a Antonella também não conhecia por estar em fase de adaptação decorrente de sua recém-chegada na cidade.

Após colhida a autorização dos responsáveis e o aceite dos adolescentes, passamos pela explicação da proposta que consistiu em fazer um *tour* pela cidade, caminhando da Universidade Estadual de Maringá até o centro da cidade, com objetivos de: apresentar o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), para compreender os direitos

que eles possuem como adolescentes; conhecer lugares de direito como cultura, lazer, espetáculos, escola na cidade de Maringá; desenvolver atividades que envolvam a arte como possibilidade de expressão e transformação social; incentivar a pesquisa de novos lugares na cidade e apontar para o compartilhamento da experiência e conhecimento formativo do conteúdo do ECA com os amigos, famílias e pessoas de sua convivência.

Os lugares visitados na cidade de Maringá, PR foram o Centro de Ação Cultural de Maringá (CAC), local em que são proporcionados cursos gratuitos nas áreas de música, artes cênicas, visuais e atividades populares e, após essa visita, o *tour* seguiu pelo Auditório Hélio Moreira – local em que ocorre semanalmente o Convite ao Cinema e também a Flin (Festa Literária Internacional de Maringá) e que conta com várias oficinas, debates e cursos gratuitos.

Abaixo, trazemos registros de imagens dos lugares mencionados acima.



Foto 2: Imagens do CAC e Auditório Hélio Moreira

Fonte: Registros realizados pela investigadora, 2021.

Num segundo momento, os adolescentes foram levados a visitar uma escola pública que promove formação até o ensino médio no centro de Maringá com o objetivo de conhecer e analisar alguns grafites feitos nos muros e, como outro objetivo, incentivá-los a conhecer o projeto CELEM (Língua Estrangeira Moderna) que oferta os idiomas de Espanhol, Francês e Italiano, além de cursos profissionalizantes como magistério, administração, cuidador e enfermagem.

Outro destino que percorremos foi a Câmara Municipal, local em que as leis são fiscalizadas em cada cidade e que é um espaço aberto para a população possa opinar, reivindicar, criar projetos e votar sobre as questões do município. E por fim, fomos para a Vila Olímpica de Maringá, local de referência para o esporte, que possui quadra de areia,

velódromo, piscinas, pista de atletismo e skate. Nesse espaço lhes foi explicado o direito ao esporte e lazer e que nesse local poderiam fazer cursos gratuitos.

Ressaltamos que esse *tour* foi desenvolvido dentro de um contexto de pandemia e que, por conta disso, tomamos os cuidados necessários para lidarmos com o Covid-19, sendo assim, para evitar contágio da doença os devidos cuidados para a realização da atividade como, por exemplo, o uso de máscaras, utilização de álcool em gel frequente nas mãos e utilização de garrafas de água individuais. Entretanto, visto as limitações desse contexto, apesar de haver o conhecimento dos locais, e explicação e diálogo sobre os direitos previstos no ECA, optamos por não realizar nenhum tipo de atividade prática, pois durante esse período a cidade estava sob uma série de restrições legais para que não houvesse aglomeração de pessoas.

Dessa maneira, houve a possibilidade de conhecer e entender como esses lugares visitados funcionam e oferecem suporte aos adolescentes na cidade de Maringá e mesmo sem a possibilidade da realização de diversas atividades educacionais e culturais, a prefeitura e outros órgãos disponibilizaram vários canais e *links*, com as necessárias adaptações da pandemia. Ao final da atividade, foi possível constatar nos diálogos com os adolescentes, alguns de seus desenhos, sonhos, medos e planos, além de termos visto uma resposta efetiva em relação a formação política deles ao relatarmos o entendimento, na prática, de como seus direitos podem ser “vistos” pela cidade. Com isso, concordamos com a necessidade de

[...] garantir nesta história lugares para acaso e imprevisíveis, lugares para rupturas, lugares para saltos adiantes, para retornos e ressignificações; é preciso evitar a tentação de fazer da existência de alguém um processo meramente aditivo ou subtrativo de atributos que se agregariam ou descartariam de uma substância permanente (FROTA, 2007, p. 151).

Sobre os participantes da pesquisa, destacamos que ambos se mostraram cooperativos e participativos e, dado o vínculo criado, levantamos ainda outros questionamentos com a necessidade dos adultos incentivarem o acesso à cidade e aos bens culturais para os adolescentes e ainda a importância da escuta, do diálogo e do respeito às vozes dos adolescentes. Para nós, a partir do recorte da Educação Social, vemos que para que isso ocorra é preciso uma relação também de vínculo e amizade (MARCHI, 2021) como indicadores que podem potencializar relações mais horizontais (FREIRE, 1996) com os adolescentes.

Houve um total de 3 encontros, e constatamos que os dois adolescentes se mostraram abertos a novas experiências, com desejo de serem ouvidos e entendidos e que ao aceitarem essa proposta “descobrem que pouco sabem de si e de seu ‘posto no cosmos’, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si, uma das razões desta procura” (FREIRE, 1970, p. 29).

Como já mencionamos, no primeiro dia houve o convite, diálogo inicial, audição

atenta às suas histórias, depois no segundo dia encontramos os adolescentes para ler o documento do ECA (BRASIL, 1990) e fazer um *tour* pela cidade. Já no nosso terceiro dia, fizemos um diário de bordo digital com as fotos que eles haviam coletado em seu percurso, mostramos para suas/eus responsáveis e realizamos uma atividade em conjunto com os adolescentes e familiares em que utilizamos dois poemas, o primeiro: *Da minha infância* da Laís Marchesoni (2020), em que solicitamos que fechassem seus olhos e imaginassem sua infância enquanto ocorria a leitura. E depois debatemos o poema: *Verbo Ser* de Carlos Drummond de Andrade (1942), com a proposta de perceber como a infância passa rápido e como os adolescentes necessitam da ajuda dos pais ou familiares de sua convivência, para passarem por este processo.

### 3 | AS EXPERIÊNCIAS DOS ADOLESCENTES E EXCERTOS DE OBSERVAÇÃO

Solicitamos aos adolescentes que registrassem imagens/fotos do que mais chamaram a atenção em nosso *tour*. Para a Antonella, por ela gostar de dançar K-Pop a Vila Olímpica lhe chamou a atenção pelo espaço ao ar livre e também a praça próxima à igreja principal da cidade. Nesses dois espaços citados foi possível exercermos o direito de brincar, pois como ali havia um palanque, foi sugerido que apresentassem algo. A participante Antonella dançou; Antônio tocou uma gaita que trouxe em sua bolsa. A pesquisadora leu um poema. Ao perguntar para a Antonella o que ela sonhava para o futuro, a mesma relatou que tem vontade de cursar direito ou ser maquiadora na Coreia. Como ela chegou há pouco tempo na cidade de Maringá, ela ficou animada em poder estudar numa escola que oferecia cursos de línguas que poderia ajudá-la em seus objetivos. Em seguida apresentamos as fotos principais que a Antonella registrou.



Foto 3: Fotografias tirada por Antonella

Fonte: Imagens feitas pela participante Antonella

Antônio mencionou que não gostava de tirar fotos de si e que a princípio não tinha sonhos, ao explicar o que é sonho, como algo semelhante a um desejo, ele mencionou que gostaria de morar numa fazenda, no silêncio com seus livros e suas músicas. Além disso, sobre as nossas atividades, ele mencionou que gostou de ver nossa “apresentação” enquanto brincávamos de cantar e recitar poemas, em saber que também tínhamos vergonha de falar em público, mas que poderíamos crescer com esses desafios, experiências e trocas. Antônio relatou que ficou empolgado com o nosso trajeto, ao ver um sebo e saber como funcionava as trocas de livros, e por fim, também gostou da Câmara Municipal que entendeu como um espaço que poderia ter mais participação política. Seguem suas fotos principais:

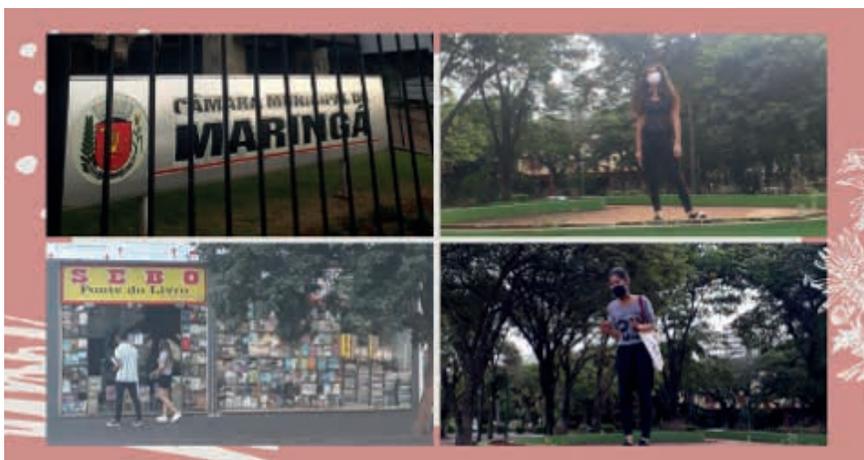


Foto 5: Imagens registradas por Antônio e que representam seu gosto pelos espaços visitados.

Fonte: Imagens feitas pelo participante Antônio.

A partir dos relatos dos adolescentes, percebemos em suas falas que existe preocupação com seus corpos que crescem e se transformam, já que essa fase da adolescência é vista como uma conquista de mais autonomia e necessidade de reconhecimento, além de possuírem desafios no quadro da família, já que a Antonella mora apenas com a mãe e seu pai mora em outro Estado, não mantendo uma frequência de comunicação. Enquanto Antônio mora com seu pai, que tem uma namorada e que é relatado por Antonio como um desafio no referido a sua relação com ela.

Frota (2007) menciona que o ideal para se falar de adolescência é olhar e entender que eles possuem um nome, que pertencem a um grupo cultural de classe social que os constituem, e não falar da adolescência de forma genérica ou olhá-los de uma forma abrangente, mas concreta, sendo assim “deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de uma história e tempo específicos” (FROTA,

2007, p.154). Deste modo, vemos que a experiência construída e avaliada com os adolescentes, concretizam os ensinamentos de Frota (2007), na medida em que destacam as individualidades e personalidades de cada um, como pessoas singulares e que, do ponto de vista da Educação Social, tais práticas são passíveis de gerar novas formas de vínculo com os sujeitos ao promoverem formas de inclusão cultural e social (NÚÑEZ, 2004).

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos consciência da necessidade e ampliação do conhecimento sobre a adolescência e seus direitos, o que nos leva a refletir sobre o longo caminho ainda a ser percorrido para que o ECA (BRASIL, 1990) seja mais divulgado, conhecido e praticado. Para além disso, evidenciamos que quando a prática é imbricada com a teoria resulta em mais experiência, havendo valorização das trocas de conhecimento.

Contudo, temos consciência de que, devido as questões culturais, há ainda outras realidades e adolescências que ficaram a margem de nossa análise e que demandam igualmente cuidado e escuta por parte dos adultos. Ressaltamos que, pelos diálogos que realizamos, vimos que esses dois adolescentes Antonella e Antônio, têm pais presentes, casa, carinho e apoio. Ficou evidenciada a necessidade de alguns ajustes como a aproximação de diálogo dos pais, uma escuta mais ativa e de qualidade, como foi mencionado no último encontro com suas mães, já que a família pode ser uma das formas de olhar atento e de auxílio aos adolescentes em seus desafios.

Com essa investigação, podemos compreender como pode ser a prática de um Educador Social e de como a sua atuação pode ocorrer em diferentes contextos, já que possibilita mais estímulo de formação política, evidenciando a possível luta pelos direitos das crianças e adolescentes.

Percebemos que o contexto histórico da criança e do adolescente vem sendo modificado em cada período, mas, que devemos oportunizar aos adolescentes experiências significativas, ao cuidar, ao proteger e ao instruir. Sendo assim, os adolescentes não precisam só de conteúdo e sim de possibilidades de humanização digna, por isso o desejo de ampliar a visão de Antônio e Antonella ao estimular o lúdico, a criatividade, a imaginação, o corpo em movimento, resultando em possibilidade de se movimentarem no nível individual, coletivo, comunitário. Ou seja, destacamos, em última análise, a importância em reconhecer e ocupar espaços públicos e políticos como lugares de subjetivação e de direitos sociais de todos os cidadãos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. UNICEF. **Estatuto da Criança e Adolescente- ECA**. Lei n. 8090, de 13 de Julho de 1990. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>. Acesso em 29 de agosto de 2020.

CORSARO, Willian. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Unesp, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013). Acesso em: 02 de fev de 2023

PRIORE, Mary Del. Infâncias, adolescências e famílias. In: JACÓ-VILELA, AM, SATO, L. (Orgs.) **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253.

NATALI, Paula. **Formação Profissional na Educação Social**: subsídios a partir de experiências de educadores sociais latino-americanos. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em <http://www.ppe.uem.br/teses/2016/2016%20-%20Paula%20Natali.pdf>. Acesso em: 02 de fev de 2023.

NÚÑEZ, Violeta. **Pedagogia Social**: Cartas para navegar en el nuevo milenio. Buenos Aires: Ediciones Santillana

MARCHI, João Alfredo Martins. **As “ensinagens” das crianças**: entendimentos das meninas e dos meninos do “Projeto Brincadeiras” na cidade de Maringá – Paraná. Tese (Doutorado). Doutorado em Estudos da Criança, especialidade em Infância, Cultura e Sociedade. Universidade do Minho. 2021. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/78407/1/Jo%C3%A3o%20Alfredo%20Martins%20Marchi.pdf>. Acesso em: 02 de fev de 2023.

MÜLLER, Verônica Regina; RODRIGUES, Patrícia Cruzelino. **Reflexões de quem navega na educação social**: uma viagem com crianças e adolescentes. Maringá: Clichetec, 2002.

TOMÁS, Catarina. **Há muitos mundos no mundo...** Direitos das crianças, Cosmopolitismo infantil e Movimentos sociais entre crianças de Portugal e Brasil. Tese (Doutorado). Doutorado em Estudos da Criança, especialidade em Infância, Cultura e Sociedade. Universidade do Minho, 2007. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6269>. Acesso em: 02 de fev de 2023.

## Verbo Ser

Carlos Drummond de Andrade

Que vai ser quando crescer?  
Vivem perguntando em redor. Que é ser?  
É ter um corpo, um jeito, um nome?  
Tenho os três. E sou?  
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?  
Ou a gente só principia a ser quando cresce?  
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?  
Ser, pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?  
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.  
Que vou ser quando crescer?  
Sou obrigado a? Posso escolher?  
Não dá para entender. Não vou ser.  
Vou crescer assim mesmo.  
Sem ser Esquecer.